

David Foster Wallace

A Piada Infinita

Tradução de Salvato Telles de Menezes e Vasco Teles de Menezes



QUETZAL serpente emplumada | David Foster Wallace

ANO DE *GLAD*



ESTOU SENTADO NUMA SALA, rodeado de cabeças e de corpos. A minha postura é conscientemente congruente com a forma da minha dura cadeira. É uma sala fria do edifício da Administração da Universidade, com paredes apaineladas em que havia quadros à maneira de Remington e janelas duplas que a defendiam do calor de novembro, protegida de sons administrativos pela zona da receção na qual o tio Charles, o senhor DeLint e eu tínhamos sido recebidos.

Eu estou aqui.

Três caras ocuparam lugar em cima de casacos desportivos de verão e largas gravatas de seda do outro lado de uma mesa de conferências de pinho polido que brilha com a luz – que parece uma teia de aranha – do meio-dia do Arizona. São os três deões: o das Admissões, o dos Assuntos Académicos e o dos Assuntos Desportivos. Não sei a qual corresponde cada cara.

Creio que estou a dar uma imagem neutra, talvez mesmo agradável, embora me tivessem instruído a carregar nas cores da neutralidade e não fazer nenhuma tentativa em matéria do que me pareceria ser uma expressão amável ou um sorriso.

Decidi-me a cruzar as pernas, espero que com todo o cuidado, com o tornozelo em cima do joelho e as mãos juntas no regaço das calças. Os meus dedos estão entrelaçados numa série especular daquilo que, para mim, se manifesta com a letra X. O restante pessoal que ocupa a sala de entrevistas inclui: o diretor de Composição da Universidade, o treinador da equipa principal de ténis e A. DeLint, pró-reitor da minha Academia. Ao meu lado está C.T.; os outros estão, respetivamente, sentados, de pé e de pé na periferia da minha visão. O treinador de ténis faz tilintar algumas moedas. Há qualquer coisa vagamente digestiva no odor da sala. A sola de alta tração dos meus ténis *Nike* oferecidos está em paralelo com o bamboleante sapato de couro do meio-irmão da minha mãe, presente na condição de meu reitor, sentado na cadeira que espero que esteja à minha direita e também de frente para os deões.

O deão da esquerda, um homem magro e de tez amarelada cujo sorriso inalterado tem contudo a qualidade fugidia de coisa estampada num material pouco cooperante, tem uma personalidade que ultimamente aprendia a apreciar, do género que adia a necessidade de qualquer resposta minha contando-me a minha

versão da minha história. Tendo-lhe sido passada uma resma de folhas de computador pelo deão do meio, uma espécie de leão desgrenhado, segue mais ou menos essas páginas com um sorriso dissimulado.

– O senhor chama-se Harold Incandenza, tem dezoito anos, concluirá o seu curso secundário dentro de cerca de um mês, frequentando a Academia de Ténis de Enfield, em Massachusetts, um internato, onde reside. – Os olhos para ler dele são retangulares, em forma de campo de ténis, com as marcações em cima e em baixo. – De acordo com o treinador White e o deão (ilegível), o senhor é um jogador incluído nos *rankings* de juniores locais, nacionais e continentais, um atleta com potencial suficiente para pertencer à ONANCAA,* uma promessa em bruto, recrutado pelo treinador White mediante correspondência com o doutor Tavis aqui presente... a partir de fevereiro deste ano. – Passa a primeira página e coloca-a cuidadosamente no fim da pilha. – Reside na Academia de Ténis de Enfield desde os sete anos de idade. – Debato mentalmente se me arrisco a coçar o lado esquerdo do meu queixo, onde tenho uma verruga. – O treinador White informou o nosso escritório de que tem a mais elevada consideração pelo programa e resultados da Academia de Ténis de Enfield e que a equipa de ténis da Universidade do Arizona já tirou bom partido da matrícula de vários antigos alunos da ATE, um dos quais foi um tal senhor Aubrey F. DeLint, que também está aqui presente. O treinador White e os seus assistentes deram-nos...

O discurso do deão de tez amarelada não revela qualquer tipo de distinção, embora deva admitir que conseguiu fazer-se entender. O diretor de Composição, à direita, parece ter mais sobranças do que é normal. O deão da direita parece estar a observar a minha cara de uma maneira bastante esquisita.

O tio Charles está a dizer que, embora possa antever que provavelmente os deões estarão predispostos a considerar as afirmações dele como as de uma espécie de chefe de claque da ATE, pode garantir aos deões ali reunidos que o que acabou de ser dito é a pura verdade e que nesse preciso momento a Academia tem como residentes um terço dos trinta juniores de topo do continente, de todas as idades possíveis, e que eu, ali presente, que sou habitualmente tratado por «Hal», «estou no cimo, entre os melhores». Os deões do centro e da direita sorriem profissionalmente; o treinador e DeLint inclinam as cabeças quando o deão da esquerda pigarreia.

– ... acreditamos que poderá dar, mesmo no seu primeiro ano, um contributo importante para o programa da equipa de ténis principal desta Universidade. Agrada-nos muito – diz ou lê virando uma página – que um torneio local o tenha trazido cá e dado a oportunidade de nos reunirmos e falarmos sobre a sua candidatura, possível recrutamento, matrícula e bolsa.

– Foi-me solicitado que acrescente que o Hal, aqui presente, foi classificado em singulares como terceiro cabeça de série no prestigiado Torneio WhataBurger Southwest Junior Invitational para menores de dezoito anos no Centro de

* Organization of North American Nations Collegiate Athletics Association. (*N. dos T.*)

Ténis Randolph – diz o que deduzo ser o dos Assuntos Desportivos, um tipo cuja cabeça inclinada mostrava um couro cabeludo salpicado de sardas.

– Sim, o que fica no Parque Randolph, perto do famoso El Con Marriott – introduz C.T. –, um clube que toda a gente não se cansa de afirmar ser de primeira categoria e...

– Precisamente, Chuck, e também que, ainda segundo Chuck, o Hal já justificou a sua classificação quando passou esta manhã à semifinal com uma vitória ao que consta impressionante, e que amanhã voltará a jogar contra o vencedor do jogo dos quartos de final desta noite; julgo que vai ser às oito e meia da manhã em ponto...

– Tente arrumar a questão antes que apareça o maldito calor de cá. Embora seja um calor seco.

– ... e parece que já está qualificado para participar no Continental Indoors do próximo inverno em Edmonton, segundo me disse o Kirk – acrescentou inclinando o corpo para a frente para erguer os olhos e dirigir-se ao treinador que está à esquerda e cujo sorriso permite vislumbrar uns dentes brilhantes sobre um violento bronzado de fundo. – O que é realmente qualquer coisa. – Sorri enquanto olha para mim. – São corretas as nossas informações, Hal?

C.T. cruzou os braços com grande naturalidade; a carne dos seus tricípites está salpicada de manchas sob o efeito da luz de um sol de ar condicionado.

– Claro que sim, Bill. – Sorri. As duas metades do bigode nunca são inteiramente simétricas. – E permitam que diga que o Hal está entusiasmado, entusiasmado por o terem convidado a participar no Invitational pelo terceiro ano consecutivo e estar aqui, numa comunidade pela qual sente verdadeiro afeto, e por conhecer os vossos estudantes e equipa técnica e ter justificado a sua elevada classificação na nada fácil competição desta semana, por se aguentar devido a nunca ter baixado a guarda, por assim dizer, mas sobretudo por ter tido a oportunidade de vos conhecer, cavalheiros, e de visitar as instalações. Aqui tu dá aspeto de ser de altíssimo nível, de acordo com o que já lhe foi dado ver.

Faz-se silêncio. DeLint muda a posição das costas contra a parede e volta a equilibrar o peso. O meu tio sorri e inclina-se para diante e ajusta uma correia de relógio ajustada. Sessenta e dois e meio por cento das caras presentes na sala estão viradas para mim, numa amável expectativa. O meu peito agita-se como uma máquina de secar roupa cheia de sapatos. Componho aquilo que penso poder ser considerado por eles um sorriso. Olho para este e para aquele lado, de vagar, assim como quem tenta dirigir a expressão a todos os que estão na sala.

Faz-se novamente silêncio. As sobranceiras do deão amarelo ficam circunfleas. Os outros dois deões olham para o diretor de Composição. O treinador de ténis deslocou-se para a larga janela coçando a nuca. O tio Charles toca no antebraço acima do relógio. Abruptas e curvilíneas sombras de palmeira movem-se lentamente sobre o brilho da mesa de pinho, a cabeça de um deles é como a sombra de uma lua negra.

– Chuck, o Hal sente-se bem? – pergunta o tipo dos Assuntos Desportivos. – O Hal parece que só... bem, faz caretas. Estará com dores? Estás com dores, meu filho?

– O Hal está ótimo – diz com um sorriso o meu tio acalmando o ambiente com um gesto. – Trata-se apenas do que poderíamos apelidar de tique facial, nada de importante, devido à adrenalina de estar aqui num *campus* que impressiona qualquer um, devido a ter justificado o seu *ranking* sem perder um único *set* até agora, devido a ter recebido por escrito a oferta oficial do treinador White com o cabeçalho da Pac 10 não só de exclusividade mas também de pensão mensal completa, estando pronto para provavelmente hoje e aqui mesmo assinar uma declaração de compromisso com a Universidade, segundo me informou.

C.T. dirige-me um olhar espantosamente amável. Eu faço o que é mais seguro: relaxo todos os músculos da cara e esvazio-a de qualquer expressão. Observo cuidadosamente o nó kekuliano da gravata do deão que está sentado no meio.

A minha resposta silenciosa ao silêncio expectante começa a afetar o ambiente da sala; o pó e o algodão dos fatos de treino agitados pelas rajadas de ar condicionado bailam no enviesado raio de luz que entra pela janela; o ar em cima da mesa parece um espaço borbulhante com um copo de água gaseificada recentemente servida. O treinador, com um gesto que não é nem britânico nem australiano, comunica a C.T. que todo o processo de candidatura interface, ainda que em geral seja uma simples e agradável formalidade, poderia ser mais acentuado se permitisse ao candidato falar por si próprio. Os deões do centro e da direita juntam as cabeças para conferenciar em voz baixa formando uma espécie de tenda índia de pele e cabelos. Julgo que o treinador quis dizer *facilitado* em vez de *acentuado*, embora *acelerado*, apesar de ser mais rebuscado do que *facilitado*, fosse mais sensato com erro de um ponto de vista fonético. O deão da cara amarelada e plana inclina-se para a frente mostrando as gengivas, facto que me parece ser uma manifestação de preocupação. Junta as mãos na superfície da mesa de reuniões. Os dedos dele dão a ideia de copular enquanto a minha série de quatro X se dissolve quando agarro com força os lados da cadeira.

Começa a dizer que precisamos de falar francamente sobre alguns potenciais problemas da minha candidatura. E faz uma referência à importância da sinceridade.

– As questões que os nossos serviços têm de enfrentar nos documentos relativos à tua candidatura, Hal, estão relacionadas com os resultados dos teus exames. – Desce os olhos para uma colorida página com as notas que esconde atrás da trincheira dos braços. – O pessoal das Admissões tem estado a analisar as tuas notas e verificou que... creio que sabes disso e que poderás explicar o que se passa... são, como poderei dizer?, abaixo do normal.

Devo explicar isso.

É evidente que este deão amarelado e bastante sincero que está à esquerda é o responsável pelas Admissões. E não restam quaisquer dúvidas de que, então,

a pequena figura de ave que está à direita é o deão do Desporto, porque as rugas na cara do hirsuto deão do meio estão franzidas numa espécie de remota afronta, uma expressão de estou-a-comer-uma-coisa-que-de-facto-me-faz-apreciar-a-bebida-com-que-a-acompanho que transmite reservas profissionalmente académicas. Portanto, no centro de tudo há uma inquebrantável lealdade às regras. O meu tio observa o do Desporto com perplexidade. Mexe-se ligeiramente na cadeira.

A incongruência entre a mão e a cor da cara do das Admissões é quase brutal.

– ... notas das provas orais que estão demasiado próximas do zero para que não nos sintamos desconfortáveis, sobretudo se tivermos em conta a informação do secundário dada pelo estabelecimento de ensino de que a tua mãe e o irmão dela são administradores – lendo diretamente do papel escondido na elipse dos braços – que no ano passado, sim, caiu razoavelmente, mas com isto quero dizer que «caiu» espantosamente depois de três anos de francamente incrível.

– Inimaginável.

– Muitos estabelecimentos não têm sequer Excelente com vários sinais de mais à frente – diz o diretor de Composição com uma expressão facial impossível de interpretar.

– Esta espécie de... como direi... incongruência – diz o das Admissões, com ar franco e preocupado –, tenho de te dizer que suscita um alerta vermelho de potencial preocupação durante o processo de admissão.

– Por isso, convidamos-te a que nos expliques como surgiram estas incongruências, para não lhes chamar brincadeiras de mau gosto.

O do Corpo Discente tem uma vozinha estridente que é absurdo que proveinha de uma cara tão grande.

– Estou certo de que o senhor, quando usou *incrível*, quis dizer muitíssimo impressionante, em oposição a um literal «incrível» – disse C.T. dando a ideia de observar o treinador, que está a massajar a nuca à janela.

A imensa janela mostra apenas um sol deslumbrante e a terra gretada sobre a qual se veem tremular ondas de calor.

– De modo que estamos perante a necessidade de fazer não os dois ensaios de admissão obrigatórios mas nove, alguns dos quais são tão extensos como monografias e todos sem exceção são... – muda de página – o adjetivo que vários avaliadores utilizam é «estelares».

Diretor de Composição:

– Na minha avaliação fiz expresso uso de «tumulares» e «impotentes».

– ... mas em áreas e com títulos de que tenho a certeza te lembrarás perfeitamente, Hal: *Assunções Neoclássicas na Gramática Normativa Contemporânea, Implicações das Transformações Pós-Fourierianas no Cinema Holograficamente Mimético, Aparição da Estase Heroica no Entretenimento Radiofónico...*

– *A Gramática de Montague e a Semântica da Modalidade Física.*

– *Um Homem Que Começou a Suspeitar Que Era de Vidro.*

– *Simbolismo Terciário no Erotismo Justiniano.*

Exibindo agora grandes extensões de gengiva esponjosa.

– Bastará assinalar que existe uma preocupação sincera e honesta em relação ao recipiendário destas infelizes notas, embora talvez essas notas tenham uma explicação, se é que é ele o único autor dos testes.

– Duvido que o Hal tenha consciência do que está aqui em questão – disse o meu tio.

O deão do meio apalpa as lapelas do casaco enquanto interpreta uns dados informáticos adversos.

– O que a Universidade está a dizer é que de um ponto de vista estritamente académico existem problemas de admissão que o Hal nos deve ajudar a resolver. O papel prioritário do candidato à entrada na Universidade é e tem de ser o de estudante. Não podemos admitir um aluno do qual suspeitamos não ter as necessárias competências, por mais campeão que seja no relvado.

– O deão Sawyer refere-se ao campo de ténis, Chuck – disse o dos Assuntos Desportivos, com a cabeça brutalmente levantada e virada para um lado de modo a incluir White, que está nas costas dele, entre os recetores da informação. – Para não referir o regulamento da ONANCAA e os seus investigadores sempre à cata do mais pequeno indício de desrespeito pelas normas.

O treinador de ténis consulta o relógio.

– Assumindo que estas classificações são o reflexo exato da verdadeira capacidade neste caso – diz o dos Assuntos Académicos na sua voz aguda, séria e *sotto*, ainda a olhar para os documentos que tem à sua frente como se fossem um prato de qualquer coisa horrorosa –, digo-lhes já que a minha opinião é que não seria justo. Não seria justo para os outros candidatos. Não seria justo para a comunidade universitária. – Vira os olhos para mim. – E seria especialmente injusto para o próprio Hal. Aceitar a inscrição de um rapaz que encarássemos como um mero trunfo desportivo significaria usá-lo. E estamos sob um escrutínio múltiplo para que não usemos ninguém. Os resultados dos teus testes, meu filho, indicam que poderíamos ser acusados de te estarmos a usar.

O tio Charles pede ao treinador White que pergunte ao deão dos Assuntos Desportivos se a tempestade levantada à volta das notas seria tão violenta se eu fosse, digamos, um prodígio futebolístico que rendesse muito dinheiro. Aumenta o consabido pânico de me sentir incompreendido e o coração bate com força no meu peito. Concentro toda a minha energia na necessidade de permanecer absolutamente silencioso na cadeira, vazio, os olhos como dois grandes e pálidos zeros. Prometeram-me que me safariam disto.

O tio C.T., contudo, tem o aspeto aflito dos acossados. A voz dele adquire um timbre estranho quando se sente encurralado, como se gritasse enquanto recua.

– As notas do Hal na ATE, que é, tenho de o sublinhar, uma academia e não um acampamento ou uma fábrica, reconhecida tanto pela comunidade de Massachusetts como pela Associação Académica Norte-Americana de Desportos, consagrada às necessidades globais do desportista e do estudante, fundada por uma figura tão proeminente que não precisa de ser mencionada, baseada no exigente modelo do plano de estudos Quadrivium-Trivium de Oxbridge, um estabelecimento de ensino muito bem equipado e com um corpo docente devidamente certificado, devia ser mais do que suficiente para demonstrar que o meu sobrinho, aqui presente, pode cumprir os requisitos da Pac 10 e que...

DeLint aproxima-se do treinador de ténis, que sacode a cabeça.

– ... poderia detetar-se o aroma característico dos preconceitos contra os desportos minoritários nisto tudo – prossegue C.T. cruzando e recruzando as pernas enquanto eu sou todo ouvidos e estou sereno e atento.

O silêncio carbonatado da sala tornou-se hostil.

– Creio que chegou a hora de o candidato falar por si – disse tranquilamente o dos Assuntos Académicos. – E isso parece quase uma impossibilidade consigo presente.

O dos Assuntos Desportivos sorri com ar cansado por baixo de uma mão que massaja a ponte do nariz.

– Talvez possas sair e aguardar lá fora, Chuck.

– O treinador White pode acompanhar o senhor Tavis até à receção – diz o deão amarelento sorrindo à frente do meu olhar desfocado.

– ... chega a pensar-se que tudo isto foi preparado previamente, desde o... – está a dizer C.T. enquanto ele e DeLint são acompanhados até à porta.

O treinador de ténis estende um braço hipertrofiado.

O dos Assuntos Desportivos diz:

– Aqui somos todos amigos e colegas.

Isto não está a funcionar. Apercebo-me de que os letreiros de EXIT pareceriam a um falante de latim letreiros de luz vermelha que dizem ELE SAI*. Cederia à tentação que me avassala de correr para a porta e ultrapassá-los se tivesse a certeza de que aquilo que os homens que estão nesta sala veriam seria eu a correr para a porta. DeLint diz qualquer coisa ao ouvido do treinador. Quando a porta se abre momentaneamente ouvem-se ruídos de máquinas de escrever e de consolas telefónicas. Estou sozinho entre os chefes administrativos.

– ... que ninguém se sinta ofendido – disse o dos Assuntos Desportivos, de casaco desportivo castanho e gravata estampada com motivos minúsculos –, mas além das capacidades físicas que estão em jogo e que, acreditem, nós respeitamos, não, *queremos*, acreditem.

– ... a de outro modo não estaríamos tão ansiosos por conversar contigo diretamente, percebes?

* EXIT (Saída); HE LEAVES (Ele Sai). Jogo de sentidos com *Exit* em inglês e *Exit* em latim. (N. dos T.)

– ... ao processarmos várias candidaturas anteriores provenientes do gabinete do treinador White, notámos que a Academia de Ténis de Enfield é dirigida, e não importa que o seja apenas recentemente, por pessoas muito próximas, em primeiro lugar, do teu irmão, e ainda me lembro como esse rapaz era mimado pelo predecessor de White, Maury Klamkin, pelo que a objetividade das notas aqui apresentadas pode ser posta em causa com alguma facilidade...

– ... por quem assim o entender, digamos a NAAUP, os programas da Pac 10 mal-intencionados, a ONANCAA...

Os testes são velhos, é verdade, mas são meus; *de moi*. Mas são, é verdade, velhos e não têm nada que ver com a Experiência Educativa Mais Significativa da Tua Vida, que é o tema obrigatório da candidatura de admissão. Se lhes tivesse dado um do ano transato, ter-lhes-ia parecido a obra de um bebé a tocar teclas ao acaso, e logo aos senhores que usam *quem assim o entender* como sujeito. E nesta companhia mais reduzida, o diretor de Composição dá a ideia de ter sido acionado abruptamente, porque agora parece o macho dominante da alcateia e começou a agir de forma bastante mais efeminada do que ao princípio, primeiro de pé e em pose e com uma mão na cintura, depois caminhando com um movimento de ombros, fazendo tilintar moedas quando estica as calças ao sentar-se na cadeira ainda quente do rabo de C.T., cruzando as pernas de uma maneira que o faz entrar bastante no meu espaço pessoal, pelo que posso ver os seus múltiplos tiques nas sobranceiras e as redes de capilares nas bolsas sob os olhos e cheirar o amaciador de roupa que utiliza e os restos de um rebuçado para o mau hálito que azedou.

– ... um rapaz brilhante e sólido, mas muito tímido; sabemos que és muito tímido, o Kirk White contou-nos que o que lhe disse o teu outro instrutor mais novo de boa compleição atlética mas bastante reservado – disse o diretor em voz baixa pousando o que me parece ser uma mão nos bicípites do meu casaco desportivo (certamente não) –, que só precisa de respirar fundo e confiar e contar a sua versão da história a estes cavalheiros isentos de qualquer malícia, porque estamos apenas a fazer o nosso trabalho e a procurar cuidar dos interesses de todos ao mesmo tempo.

Posso imaginar DeLint e White sentados com os cotovelos nos joelhos na posição defecatória dos atletas em descanso. DeLint contemplando os seus enormes polegares enquanto C.T., na receção, dá voltas elípticas falando ao telemóvel. Treinaram-me para isto como a um *don* da Máfia antes de fazer declarações no tribunal. Um silêncio neutral, inexpressivo. O tipo de jogo completamente defensivo que Schtitt me obrigava a praticar: a melhor defesa: limita-te a devolvê-las, não faças nada. Dir-vos-ei tudo o que queirais e mais ainda, se os sons que produzo puderem ser o que ouvís.

O dos Assuntos Desportivos com a cabeça fora da asa:

– ... evitar procedimentos de admissão que possam ser vistos como essencialmente virados para o desporto. Poderia ser um problema, meu filho.

– O Bill refere-se ao aspeto que teria e não propriamente aos factos concretos, que só tu podes explicar – disse o diretor de Composição.

– ... o aspeto que dá um *ranking* desportivo tão alto, os resultados subnormais do exame oral, os testes superacadémicos, as notas incríveis que dimanam de uma situação que pode ser classificada como nepotismo.

O deão amarelo inclinou-se tanto para a frente que a gravata dele vai ficar com uma marca horizontal causada pela borda da mesa; tem uma expressão pálida e bondosa mas também de que ali ninguém brinca.

– Olhe, senhor Incandenza, Hal, faça o favor de me explicar por que não poderemos ser acusados de estar a usá-lo, meu filho. Por que não poderá chegar aqui alguém e dizer: «Olhem, vós, da Universidade do Arizona, vós estais a usar um rapaz apenas pelas suas qualidades físicas, um rapaz tão tímido e retraído que é incapaz de falar por si mesmo, um jerico com notas de doutor e uma candidatura comprada numa loja qualquer?»

A luz que se reflete no ângulo de polarização da superfície da mesa aparece com uma refulgência cor-de-rosa atrás das minhas pálpebras fechadas. Não consigo fazer-me compreender.

– Não sou um jerico – digo devagar. Nitidamente. – As minhas notas do ano passado podem ter sido retocadas, mas isso foi para me ajudar a ultrapassar um mau bocado. As notas anteriores são *de moi*. – Mantenho os olhos fechados; a sala está em silêncio. – Agora não consigo fazer-me entender. – Estou a falar lenta e claramente. – Digamos que foi uma coisa que comi.

É divertido aquilo que não se recorda. Do nosso primeiro lar, nos subúrbios de Weston, de que quase não me lembro – o meu irmão mais velho, Orin, diz que consegue lembrar-se de ter estado com a nossa mãe no pátio das traseiras no início da primavera ajudando-a a transformar aquela terra gélida numa espécie de jardim. Março ou princípio de abril. O terreno do jardim era um retângulo irregular delimitado com paus de chupa-chupas e guita. Orin estava a tirar pedras e torrões duros do caminho da mãe que trabalhava com o arado alugado em forma de carrinho de mão com propulsão a gás que rugia e ressoava e retumbava, e ele lembra-se de que mais parecia ser a engenhoca a conduzir a mãe do que o contrário; a mãe era muito alta e tinha de se esforçar penosamente para se aguentar; os pés dela deixavam pegadas bêbedas na terra acabada de arrotear. Lembra-se de que no meio da tarefa cheguei eu tendo atravessado a porta a toda a velocidade vestido com um pijama vermelho e felpudo à Winnie the Pooh; estava a chorar e trazia na palma da mão uma coisa bastante desagradável à vista. Diz que eu tinha cerca de cinco anos e chorava e tinha a cara intensamente vermelha no frio ar da primavera. Repetia qualquer coisa que ele não conseguia decifrar até que a mãe me viu e desligou o motor, com os ouvidos a latejar, acercando-se de mim para saber o que eu trazia. Era um grande pedaço de uma coisa com bolor – Orin supõe que proveniente do canto escuro da cave da

casa de Weston, que era quente devido à fornalha e ficava inundado na primavera. Descreve o pedaço da tal coisa como horroroso: de cor esverdeado-escuro, lustroso, vagamente hirsuto, salpicado de pontos amarelados, alaranjados e avermelhados de fungos parasitas. Pior, a coisa tinha um aspeto estranhamente incompleto, mordiscado; e parte daquela porcaria nauseabunda manchava a minha boca aberta.

– Comi isto – era o que estava a dizer.

Mostrei a coisa à mãe, que tinha tirado as lentes de contacto para fazer aquele trabalho sujo e que ao princípio, quando se agachou, só viu o filho a soluçar e de mão estendida a oferecer alguma coisa e, com o mais maternal dos reflexos, ela, que receava e abominava acima de tudo a sujidade e a podridão, aproximou-se para pegar no que o seu bebé tinha na mão – como tantas vezes havia feito com lenços de papel muito usados, caramelos sujos ou pastilhas elásticas já mascadas em tantas salas de cinema, aeroportos, assentos traseiros de carros ou salões de torneios? O. permaneceu imóvel, diz, com um frio torrão na mão, a brincar com o velcro do seu grosso casaco, vendo como a mãe se inclinava para mim, com a mão estendida, o rosto de olhos vesgos e presbiopes, e subitamente parava, sem se mexer, começando a identificar aquilo que eu segurava e sopeando as provas de um contacto oral com a coisa. Recorda a cara dela como indescritível. A mão estendida, ainda a tremer do arado, pendia no ar à minha frente.

– Comi isto – disse.

– Como?

O. diz que só se consegue lembrar (*sic*) de dizer qualquer coisa cáustica enquanto sacudia um espasmo muscular com um passo de dança. Diz que deve ter sentido a chegada de uma ansiedade iminente e terrível. A mãe nunca mais quis descer à húmida cave. Eu tinha deixado de chorar, recorda-se, e fiquei ali com o tamanho e a forma de uma boca de incêndio e com um pijama vermelho que me tapava até aos pés, mostrando solenemente aquela porcaria como se fosse o relatório de uma auditoria qualquer.

O. diz que a memória dele diverge neste ponto, provavelmente em resultado da ansiedade. Na primeira recordação, as voltas da mãe no pátio são um amplo círculo de histeria.

– *Meu Deus!* – exclama.

– Socorro! O meu filho comeu isto! – grita na segunda e mais nítida recordação de Orin, gritando isto várias vezes, segurando a porcaria com a ponta dos dedos enquanto corre ao redor do retângulo do jardim e O. fica de boca aberta perante a sua primeira visão da histeria adulta. As cabeças dos vizinhos do bairro aparecem às janelas e por cima das cercas para observarem a cena. O. lembra-se de que eu caí quando tentei segui-la, tropeçando na guita e sujando-me e chorando aos gritos.

– Deus do Céu! Socorro! O meu filho comeu isto! Socorro! – continuou ela a gritar e a correr no interior apertado da área delimitada pela guita.

O meu irmão Orin lembra-se de ter notado que, apesar de dominada por um trauma histórico, a direção da sua corrida era reta, as suas pegadas de nativa americana a direito e as suas voltas, no interior do ideograma de cordel, eram marciais e secas enquanto, antes que a recordação se desvaneça, me dava duas bofetadas e clamava:

– O meu filho comeu isto!

– A minha candidatura não foi comprada – digo-lhes, dirigindo-me à escuridão da caverna vermelha que se abre diante dos meus olhos fechados. – Não sou apenas um rapaz que joga ténis. Tenho uma história intrincada. Experiências e sentimentos. Sou complexo. Eu *leio* – continuo. – Leio e estudo. Aposto que li tudo o que os senhores professores leram. Não pensem que não o fiz. Devoro bibliotecas. Desgasto as lombadas e os leitores de CD-ROM. Faço coisa do género de apanhar um táxi e dizer ao condutor: «Leve-me a uma biblioteca e prego a fundo.» Os meus instintos sintáticos e mecânicos são melhores do que os vossos. Digo isto com o devido respeito.

Faço uma pausa, antes de prosseguir:

– Mas transcendem a mecânica. Não sou uma máquina. Sinto e acredito. Tenho opiniões próprias. Algumas são interessantes. Posso, se os senhores professores mo permitirem, falar e falar. Falemos de qualquer coisa. Julgo que se tem minimizado a influência de Kierkegaard em Camus. Creio que é muito possível que Dennis Gabor tenha sido o Anticristo. Penso que Hobbes não passa de um Rousseau entrevisto num espelho escuro. Acho, tal como Hegel, que a transcendência é absorção. Seria capaz de vos bater sem qualquer esforço. Não sou um *creatus* prefabricado, condicionado e criado para uma única função.

Abri os olhos.

– Peço-lhes o favor de não pensarem que não me importo.

Olho ao redor. Olhares de horror na minha direção. Levanto-me. Vejo mandíbulas pendentes, sobrancelhas franzidas em testas trémulas, faces de um branco brilhante. A cadeira recua por baixo de mim.

– Santa Mãe de Cristo – diz o diretor.

– Estou bem – digo-lhes, de pé.

Pela expressão do deão amarelo, sopra um vento brutal vindo do meu lado. A cara do dos Assuntos Académicos envelheceu instantaneamente. Oito olhos tornaram-se discos vazios que olham seja lá para o que for que estão a ver.

– Meu Deus – sussurra o dos Assuntos Desportivos.

– Façam o favor de não se preocuparem – digo. – Posso explicar.

Acalmo o ambiente com um gesto despreocupado.

O diretor de Composição segura-me ambos os braços pelas costas e atira-me ao chão, aplicando todo o seu peso. Saboreio o chão.

– Qual é o *problema*?

– Não há problema *nenhum* – digo.

– Está tudo *bem!* Estou *aqui!* – diz-me o diretor ao ouvido.

– Peçam ajuda – grita um dos deões.

A minha testa está comprimida contra o soalho que nunca pensei que pudesse ser tão frio. Estou aprisionado. Tento dar a ideia de estar flácido e não oferecer resistência. Tenho a cara espalmada e o peso do de Composição dificulta-me a respiração.

– Tentem ouvir – digo muito lentamente, com a voz abafada pelo chão.

– Por amor de Deus, o que são...? – guincha freneticamente um dos deões.
–... esses *sons*?

Ouvem-se os cliques da central telefónica, saltos de sapatos em movimento, a girar, uma pilha de papéis que caem.

– *Meu Deus!*

– *Socorro!*

A parte inferior da porta abre-se na periferia esquerda: um feixe de luz halogénea do corredor, ténis brancos e uma sandália *Nunn Bush* desgastada.

– Deixem-no levantar.

É DeLint.

– Não há problema – digo lentamente do chão. – Estou aqui.

Sou levantado pelas axilas e sacudido até ficar num estado que o diretor de cara rubicunda deve considerar tranquilo.

– Recupera, filho.

DeLint para o braço do homenzarrão:

– *Pare* com isso!

– Sou o que ouvem e veem.

Sirenes ao longe. Um golpe de luta livre brutal. Figuras à porta. Uma jovem hispânica tapa a boca com a mão enquanto observa.

– Não sou – digo.

As velhas casas de banho dos homens devem ser amadas: o aroma cítrico dos discos desodorizantes nos compridos mictórios; os cubículos com portas de madeira e ombreiras de mármore frio; os finos lavatórios em fila apoiados em precários alfabetos de canos à vista; espelhos por cima de prateleiras metálicas; para lá de todas as vozes, o leve som de um gotejar interminável magnificado pelo eco ao ricochetejar na porcelana húmida e um frio chão de azulejos cujo padrão de mosaico parece quase islâmico visto de perto.

A desordem que causei gira ao redor. Fui praticamente arrastado, ainda imobilizado, através de uma multidão de funcionários administrativos, pelo diretor de Composição – que parece ter pensado em alternância que tive um ataque de epilepsia (abrindo-me a boca à força para ver se tenho a garganta desimpedida da língua), que estou a engasgar-me (uma manobra de Heimlich que me pôs a tossir convulsivamente) e que estou psicologicamente descontrolado (vários apertões e posições concebidos para transferir o controlo para ele) – enquanto DeLint ciranda à nossa volta tentando refrear a restrição física que o diretor me impôs, o treinador de ténis refreia DeLint, o meio-irmão da minha mãe

fala com uma rápida sucessão de polissílabos ao trio de deões, que alternadamente resfolegam, torcem as mãos, desapertam as gravatas, gesticulam diante da cara de C.T. e fazem *pases* com as páginas de um pedido de admissão agora claramente supérfluo.

Fizeram-me rebolar para uma posição supina no mosaico geométrico. Centro-me docilmente na razão por que as retretes norte-americanas nos parecem sempre enfermarias para a ansiedade pública, o lugar onde se recupera o autocontrolo. Tenho a cabeça apoiada no regaço fofo do diretor ajoelhado, que me limpa a cara com toalhas de papel institucional castanho-sujo que lhe foi dado por uma mão da multidão que está por cima de nós; contemplo, com toda a ausência de concentração que consigo reunir, os sinais no queixo, mais nítidos na esborratada linha da mandíbula, marcas de acne antigo. O tio Charles, que é um lançador de merda incomparável, está a disparar uma enfiada da mesma, tentando acalmar uns homens que parecem ter mais necessidade de terem as caras lavadas do que eu.

– Ele está bem – não se cansa de dizer. – Olhem para ele, mais calmo é impossível, deitado no chão.

– O senhor não presenciou o que *aconteceu* lá dentro – responde um deão curvado com a cara coberta por uma teia de dedos.

– Excita-se, é só isso, é um rapaz excitável que se impressiona com...

– Mas os *sons* que fez...

– Indescrevíveis.

– Como um animal.

– Sons e ruídos subanimalescos.

– E não esqueçamos os *gestos*.

– Este rapaz já foi submetido a *tratamento*, doutor Tavis?

– Como um animal qualquer com uma coisa na boca.

– Este rapaz está doente.

– Como um pacote de manteiga atingido com um malho.

– Um animal a retorcer-se com uma faca cravada num olho.

– Que estava o senhor a tentar *fazer* quando defendeu a admissão deste...

– E os *braços* dele.

– O senhor não viu, Tavis. Os braços dele estavam...

– A adejar. Agitavam-se de uma maneira atroz, como se ele estivesse a tocar tambor. *Serpenteavam*.

O grupo olhou durante um instante para alguém que estava fora do meu campo de visão tentando demonstrar alguma coisa.

– Como um lapso de tempo, uma agitação de uma espécie de horroroso... crescimento.

– Dava a ideia de um bode a afogar-se. Sim, um bode a afogar-se numa coisa viscosa.

– Uma série estrangulada de balidos e...

– Sim, *serpenteavam*.

– E desde quando é que serpentear um pouco é crime?

– O senhor está em apuros. Em *apuros*.

– A cara dele. Como se estivesse a ser estrangulado. A arder. Creio que tive uma visão do inferno.

– Tem dificuldades de comunicação, em termos de comunicação é problemático, ninguém nega isso.

– O rapaz tem de ser *tratado*.

– Em vez de o tratar, o senhor quer que ele seja *admitido* na Universidade e *compita*?

– Hal?

– O senhor não faz a menor ideia da quantidade de problemas que isto lhe vai acarretar, doutor pretenso reitor, *educador*.

– ... tinha-nos sido dito que isto não passava de uma simples formalidade. Os senhores abalaram-no. É só isso. Tímido...

– E o senhor, White, quis *recrutá-lo*!

– ... e terrivelmente impressionado e assustado, sozinho, sem nós, que somos o sistema de apoio dele, e foram os senhores que nos pediram para sairmos da sala, que se...

– Eu só o vi jogar. No campo é maravilhoso. Provavelmente um génio. Não fazíamos a menor ideia. O irmão dele joga na porra da NFL*, por amor de Deus. Aqui está um jogador de categoria, pensámos, com raízes no Sudoeste. As estatísticas dele são incomuns. Observámo-lo no outono passado durante todo o Torneio WhataBurger. Nem serpenteou, nem produziu nenhum ruído. Estivemos a ver bailado, uma coisa excepcional.

– É claro que estive a ver bailado, White. Este rapaz é um atleta bailarino, um jogador.

– Então trata-se de uma espécie de sábio atlético. O bailado é uma compensação para os profundos problemas que o senhor decidiu ocultar amordaçando o rapaz lá dentro.

Um caro par de alpergatas brasileiras passa pela esquerda e entra num cubículo da casa de banho; as alpergatas rodam e param à minha frente. O urinol recebe um fino jato no meio do eco afastado das vozes.

– ...está na hora de irmos embora – está a dizer C.T.

– A integridade do meu sono ficou irremediavelmente posta em causa, caro senhor.

– ... achava que conseguia fazer passar um candidato em más condições, amanhar-lhe as credenciais, impingi-lo com uma entrevista cozinhada e por fim atirá-lo para os rigores da vida universitária?

* National Football League. (N. dos T.)

– O Hal funciona, imbecil. Desde que tenha o apoio adequado. Está bem quando o deixam em paz e sossego. Não há dúvida que tem alguns problemas de excitabilidade quando tem de falar com alguém. Ouviu-me negar isso?

– Nós presenciámos lá dentro uma coisa que só marginalmente é *mamífera*, caro senhor.

– Tretas. Olhe para ele. Como é que a criatura excitável se está a portar ali no chão, Aubrey, o que é que te parece?

– O senhor deve estar doente. Este assunto ainda não terminou.

– Qual *ambulância*? Será que não *ouvem* o que vos dizem? Estou a dizer-lhe que há...

– Hal? Hal?

– Droga-o, tenta falar em nome dele, abafando-o, e agora ele está para ali deitado, catatónico, a olhar sem ver.

Os estalidos dos joelhos de DeLint.

– Hal?

– ... exageram tudo, distorcem tudo. A Academia tem antigos alunos de grande nomeada, juristas. O Hal, aqui presente, é provavelmente competente. Esquece as credenciais, Bill. O rapaz come livros. *Digere* coisas.

Limito-me a ficar deitado, a ouvir, a cheirar a toalha de papel, a observar como roda uma alpergata.

– Há mais coisas na vida que ficar sentado ao computador, talvez isso seja uma novidade para os senhores.

E quem pode deixar de amar aquele leonino e especial rugido de uma casa de banho pública?

Não foi por acaso que Orin disse que as pessoas daqui quando estão ao ar livre se movem apenas em vetores que vão de ar condicionado a ar condicionado. O Sol é um martelo. Sinto que um lado da minha cara começa a assar. O céu azul é lustroso e está atafalhado de calor, com alguns cirros finos tosquiados até ficarem como filamentos soprados pelo vento que se parecem com cabelos nas extremidades. O trânsito não se parece em nada com o de Boston. A maça é especial, com correias dos lados. Aquele Aubrey DeLint que considerei durante anos como um disciplinador em 2-D está de joelhos para segurar a minha mão manietada e diz-me:

– Aguenta-te, campeão.

Depois regressa à refrega administrativa que se desenrola à porta da ambulância. Trata-se de uma ambulância especial, enviada não sei se sei, nem quero saber, de onde, não só com paramédicos mas também com uma espécie de psiquiatra a bordo. Os paramédicos movem-se com delicadeza e sabem trabalhar com as correias. O psiquiatra, encostado ao veículo, tem as duas mãos levantadas numa desapaixonada mediação entre os deões e C.T., que fere o céu com a antena do telemóvel como se fosse um sabre, indignado com o facto de eu estar a ser enfiado numa ambulância para me transportarem para as Urgências de

um hospital qualquer contra a minha vontade e os meus interesses. A questão de saber se os doentes têm vontade ou interesses é descartada liminarmente enquanto um caça supersónico que voa demasiado alto para que o possamos ouvir sulca o céu de sul para norte. O médico tem as mãos erguidas e dá palmadinhas no ar para mostrar neutralidade. Tem uma grande mandíbula sombreada de barba. Na única outra sala de Urgências onde estive, faz mais ou menos um ano, a maca psiquiátrica entrou até ser estacionada ao lado das cadeiras da sala de espera. Estas cadeiras eram de plástico alaranjado; três, na outra ponta da fila, estavam ocupadas por pessoas que seguravam frascos vazios de comprimidos e suavam imenso. Isto já era suficientemente mau, mas na última cadeira, mesmo ao lado da parte superior cheia de correias da minha maca, havia uma mulher em camisola interior com a pele castanho-escuro e um boné de condutor e uma horrível inclinação para estibordo que começou a contar-me, deitado e imobilizado como estava, como tinha sido afetada da noite para a manhã por uma elefantíase no seio direito a que se referia como teta; tinha uma pronúncia do Quebeque quase paródica e descreveu-me durante quase vinte minutos a «teta», apresentando a história clínica e os diagnósticos possíveis antes de me terem tirado dali. O movimento e a esteira do jato parecem produzir uma incisão, como se carne branca atrás do azul estivesse exposta e se abrisse diante da progressão da lâmina da faca. Uma vez vi a palavra *FACA* escrita com o dedo no espelho coberto de vapor de uma casa de banho privada. Tornei-me um infantófilo. Sou forçado a mexer os olhos para cima e para os lados a fim de evitar que a caverna vermelha rebente em chamas devido à luz do Sol. O trânsito na rua é constante e parece dizer «Ch, ch». O Sol, se os olhos a piscar o veem ainda que de relance, causa aquelas moscas que as lâmpadas também provocam.

– Por que não? Por que não? Por que não «não», então, se o melhor raciocínio que se pode fazer é por que não?

A voz de C.T. revela indignação. Agora só são visíveis as galantes estocadas da antena do telemóvel dentro do enquadramento do meu olho direito. Levar-me-ão para um gabinete das Urgências onde me reterão até que lhes responda às perguntas; depois, quando tiver respondido, serei sedado; pelo que será a inversão de uma viagem normal, a ambulância e o gabinete das Urgências: farei primeiro a viagem e depois partirei. Penso durante um momento no falecido Cosgrove Watt. Penso no terapeuta da dor hipofalangial. Penso na mãe, colocando em ordem alfabética latas de sopa no armário por cima do micro-ondas. No guarda-chuva de Ele Mesmo pendurado na borda da mesa do correio no *foyer* da Reitoria. Penso em John N.V.C. Wayne, que teria vencido o *WhataBurger* este ano, montando guarda mascarado enquanto Donald Gately e eu desenterramos a cabeça do meu pai. Poucas dúvidas há de que Wayne teria vencido. E Venus Williams tem um rancho perto de Green Valley; pode muito bem assistir às finais de juniores masculinos e femininos. Sairei daqui muito a tempo de estar na semifinal de amanhã; confio no tio Charles. É quase certo que o vencedor

desta noite será Dymphna, de dezasseis, mas que faz anos apenas duas semanas antes da data limite de 15 de abril; e Dymphna estará cansado amanhã de manhã às 8h30, enquanto eu, sedado, terei dormido como um anjo. Nunca joguei contra Dymphna num torneio nem joguei com as bolas sónicas requeridas pelos cegos, mas vi como despachava dificilmente Petropolis Khan na quarta ronda e sei que será meu.

Vai começar nas Urgências, no balcão de atendimento, se C.T. se atrasar a seguir a ambulância, ou na sala de azulejos verdes atrás do quarto com as máquinas digitais invasivas; ou, dado que esta ambulância tem um médico, durante a própria viagem: um médico com a densa barba tão bem escanhoadada que o queixo tem um brilho antisséptico, com o nome escrito em letras cursivas no bolso do casaco branco e uma caneta de boa qualidade, que conduzirá um interrogatório ao pé da cama, etiologia e diagnóstico segundo o método socrático, por ordem e ponto por ponto. De acordo com o *OED VI** há dezanove sinónimos não arcaicos para «não reativo», dos quais nove são latinos e quatro saxónicos. Na final de domingo defrontarei Stice ou Polep. Talvez com Venus Williams a assistir. Inevitavelmente há de ser alguém não qualificado e sem licença – uma ajudante de enfermeira com as unhas roídas ou um tipo da segurança do hospital ou um auxiliar cubano e cansado que me tratará por *chico* – que, interrompendo uma tarefa dura e aborrecida, verá o que suporá ser o meu olho e perguntará: «E entom questória é a tua?»

ANO DA ROUPA INTERIOR PARA ADULTOS *DEPEND*

ONDE ESTAVA A MULHER QUE DISSE que viria. Disse que viria. Erdedy pensou que já devia ter chegado. Sentou-se e ficou a pensar. Estava na sala. Quando começou a esperar, uma das janelas irradiava uma luz amarelada e projetava uma sombra de luz no chão e ele ainda estava sentado à espera quando a luz começou a desaparecer e foi intercetada pela sombra brilhante da janela de outra parede. Havia um inseto numa das prateleiras metálicas onde tinha a aparelhagem áudio. O inseto entrava e saía de um dos orifícios das travessas que sustentavam as prateleiras. O inseto era escuro e tinha uma carapaça brilhante. Continuou a observá-lo. Esteve quase a levantar-se uma ou duas vezes para o olhar mais de perto, mas receou que se se aproximasse e o visse a curta distância acabaria por matá-lo. E teve medo de matá-lo. Não se serviu do telefone para ligar à mulher que tinha prometido vir porque, se ocupasse a linha e acontecesse que tentasse ligar-lhe, receou que quando ouvisse o sinal de ocupado pudesse pensar que ele

* Dicionário de Inglês de Oxford, Vol. VI: *Oxford English Dictionary*. (N. dos T.)